

MEIO AMBIENTE / Em uma das secas mais prolongadas, os focos se espalham pela vegetação da capital do país. Ontem, 1,2 mil hectares da Flona foram atingidos, segundo o ICMBio. A umidade relativa do ar chegou a 7%, menor índice de todos os tempos

2,4 mil brigadistas ajudam bombeiros em incêndios

» ARTHUR DE SOUZA
» MARIANA SARAIVA

A capital do país está atravessando um longo período de estiagem, cenário propício para que ocorram preocupantes incêndios florestais — foram 6.882 ocorrências em 2024, até o início de setembro, de acordo com dados do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF). O trabalho de combate às chamas é feito por militares da corporação, junto a brigadistas do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), do Instituto Chico Mendes (Icmbio) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). São pouco mais de 2,4 mil brigadistas que somam esforços aos militares do CBMDF para apagar incêndios em vegetação.

O Correlto conversou com brigadistas de dois institutos, que contam como é a rotina cansativa de combate a focos de incêndio em vegetação. Trabalhando há 14 anos no Ibram, Nivaldo Oliveira Lima, 37, classificou como intenso o cotidiano de enfrentar as chamas. "Desde 1º de junho, temos trabalhado com muito esforço e dedicação", detalhou. O profissional ainda fez o alerta: "Precisamos do apoio da sociedade. Uma parte dos incêndios é causada pela ação humana, principalmente nesta época de seca."

Nas ocorrências de incêndios florestais, Nivaldo descreveu que tudo começa com a organização da equipe. "Trabalhamos com um planejamento, analisando o mapa, as condições climáticas e para qual lado o vento está soprando", explicou. "A sensação de estar em uma mata fechada diante do fogo é terrível, por isso, todos os anos fazemos cursos de aperfeiçoamento. É uma profissão que exige constante atualização, mas, a cada incêndio combatido, a sensação de dever cumprido e de ter salvado vidas compensa o esforço", detalhou.

Brigadista do Ibram, Gilberto Crosóstemo, 44, afirmou que o período atual é crítico no que diz respeito aos incêndios. "Tem sido um ano de muita luta. Estamos saindo de um incêndio e entrando em outro", lamentou, enfatizando que enfrentar o fogo de perto é perigoso e envolve riscos químicos, físicos e biológicos. "Isso causa desgastes físicos e situações de vulnerabilidade para a equipe, mas não impede que trabalhem. Os brigadistas permanecem motivados", garantiu.

De acordo com Gilberto, a missão é árdua, mas gratificante. "Independentemente da intensidade do fogo, sabemos que nossa chegada ajuda a amenizar os danos do incêndio, preservar a natureza e reduzir a poluição", ressaltou o brigadista.

Foto: Mineração Libram/CE



Ação de bombeiros: em grandes incêndios, como o que atingiu a Flona, alta temperatura, tempo seco e vento forte dificultam o combate



De acordo com o ICMBio, 1,2 mil hectares da Floresta Nacional foram atingidos pelo fogo que se alastrou pela vegetação

Queimadas em 2024

6.882 ocorrências até 2 de setembro
2.065 somente em agosto
Fonte: CBMDF

Equipe de brigada

Ibama*	Ibram	ICMBio
2.227	150	54

*Os brigadistas atuam em todo o país, não só no DF

Combate às chamas

Somados os recursos humanos, o Distrito Federal conta, atualmente, com pouco mais de 5 mil pessoas que arriscam a vida para apagar incêndios em vegetação. O mais recente deles atinge, desde a manhã de ontem, a Floresta Nacional (Flona), na altura do Inkra 7. Militares do CBMDF estão agindo no local, junto com brigadistas do ICMBio. Segundo informações do instituto, enviadas ao Correlto no início da noite, cerca de 1,2 mil hectares já foram atingidos.

A suspeita é de que o incêndio tenha sido criminoso. Três pessoas foram vistas no local em que as chamas tiveram início. O CBMDF ressaltou que os profissionais estão em combate para apagar os focos de incêndio, mas a alta temperatura, o tempo seco, o vento e as altas chamas estão dificultando bastante a atuação. Até o fechamento desta edição, não foi confirmado se o incêndio foi debelado.

Doutor em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), o ambientalista Christian Della Giustina destacou que os incêndios que ocorrem durante o período de seca prejudicam muito a vegetação, principalmente as plantas pequenas, que acabam morrendo. "Com isso, não conseguimos ter uma renovação da vegetação natural e o cerrado acaba sofrendo", alertou. O especialista ressaltou que as queimadas também prejudicam a fauna nativa do Cerrado. "Esses animais acabam morrendo, pois não conseguem fugir das chamas."

A qualidade do ar no DF também é afetada. "Com isso, toda a população sofre por causa do aumento de partículas de fuligem na atmosfera", observou Della Giustina. Por isso, segundo o ambientalista, é preciso focar na educação ambiental. "Temos que alertar sobre os perigos de se colocar fogo na vegetação, em entulhos ou em áreas urbanas. A curto prazo, o melhor cenário é aguardar a chuva, que vai lavar a atmosfera e acabar com os incêndios que estão acontecendo", comentou.



Tendência é que o tempo seco se mantenha até meados de setembro

Recorde histórico de baixa umidade

O Distrito Federal registrou, na tarde de ontem, o recorde histórico de menor umidade relativa do ar. De acordo com dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a estação meteorológica da Ponte Alta, no Gama, mediu o índice de 7%, com temperatura máxima de 33°C. São 133 dias sem chuvas.

Antes disso, a menor umidade da história do DF também foi registrada no Gama: 8%, em setembro de 2019. O meteorologista Olvívio Bahia ressaltou que o tempo deve continuar quente e seco, pelo menos até meados de setembro. "Luto indica que, até o dia 20, não se-

jam criadas condições para chuva no DF", destacou. "Estamos com o ar muito poluído, solo e vegetação seca, além da fumaça de queimadas e de veículos. Tudo colaborando para comprometer a saúde e, claro, manter elevadíssimo o risco de queimadas", alertou o meteorologista. Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia, para hoje, a temperatura mínima ficará na casa dos 15°C e a máxima deve chegar a 32°C. Além disso, a umidade relativa do ar pode variar entre 5% e 15% — nas horas mais quentes do dia.

Alerta de perigo

A capital do país chegou a ficar em alerta vermelho — que representa grande perigo — para a baixa umidade. Esse é o alerta mais alto entre os disponibilizados pelo Inmet e destaca que há grandes riscos de incêndios florestais e à saúde. Até o fechamento, o DF estava sob alerta amarelo, que significa perigo potencial. Neste caso, a umidade pode atingir 20%.

Por isso, o instituto dá algumas dicas para se proteger durante esse período de seca extrema: be-

ber bastante líquido; atividades físicas não são recomendadas; evitar exposição ao sol nas horas mais quentes do dia; e usar hidratante para pele e umidificar o ambiente.

De acordo com o meteorologista Andrea Ramos, o DF está sob alerta amarelo de onda de calor. "Esse aviso corresponde a dois ou três dias com temperaturas 5°C acima da média climatológica do DF", explicou. "É bem provável que o alerta seja estendido para amanhã e, até mesmo, alterado para o laranja, que corresponde a até cinco dias de temperaturas elevadas", alertou. (AS/MS)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades **Página:** 13